



## ARTIGO



## Vivências de pessoas transgênero com suas famílias de origem

Élvis Herrmann Bonini, *Atitus Educação (Passo Fundo/RS - Brasil)*

Isadora Cechin Filipiack, *Atitus Educação (Passo Fundo/RS - Brasil)*

Cláudia Mara Bosetto Cenci, *Atitus Educação (Passo Fundo/RS - Brasil)*

**Resumo.** Este estudo teve por objetivo investigar as percepções das pessoas transgênero sobre sua identidade transgênero e o seu processo de afirmação de gênero no âmbito familiar. É um estudo qualitativo, exploratório e transversal. Realizaram-se entrevistas com 14 participantes entre 20-30 anos de idade do Norte gaúcho. Utilizaram-se como instrumentos um roteiro de entrevista semiestruturado e uma ficha de dados sociodemográficos. A análise de dados foi realizada a partir da análise temática, da qual emergiram dois temas: processos iniciais de ajustamento familiar e ações afirmativas de gênero na família. Esses processos e essas situações vão ao encontro de um novo rearranjo familiar. Conclui-se que as percepções das vivências de pessoas transgênero com suas famílias são complexas e multifacetadas, envolvendo diferentes processos tanto positivos quanto negativos para a pessoa transgênero. Espera-se que, com este estudo, famílias, instituições e profissionais da área da saúde possam se beneficiar para realizar ações afirmativas de gênero com esta população.

**PALAVRAS-CHAVE:** Família. Relações familiares. Pessoas transgênero.

---

O processo de afirmação de gênero<sup>1</sup> de pessoas trans, travestis e transexuais, é complexo e multifacetado, pois implica mudanças corporais, legais, psíquicas e socioafetivas (TURBAN; KEUROGHLIAN, 2018). Um importante aspecto para a vida das pessoas trans desde momentos de pré-afirmação de gênero é a família<sup>2</sup>, objeto deste estudo, que investiga as percepções das pessoas trans, bem como seu processo de afirmação de gênero em relação a sua família.

Mesmo antes do comunicado oficial ou implícito à família, pessoas trans tentam performar o gênero desejado pelos familiares, monitorando se a expressão de seu gênero está de acordo com o que se espera delas (BRUMBAUGH-JOHNSON; HULL, 2018).

Com o conhecimento da real identidade das(os) filhas(os), geralmente há a experimentação de um estado de luto ambíguo dos pais, isto é, um luto sem morte física, mas com uma morte simbólica da filha ou filho imaginado (WAHLIG, 2015). Os pais experimentam sensações de choque e negação, medo e impotência, raiva e desesperança, culpa e preocupações (TESTONI; PINDUCCIU, 2019).

O processo de contar à família pode levar o indivíduo a situações de violência física e psicológica vivenciadas nas relações familiares (MAGNO; DOURADO; SILVA, 2018), que são promovidas pelo estigma social com as pessoas trans (HUGHTO; REISNER; PACHANKIS, 2015). Esse processo de violência culmina em um estado de maior vulnerabilidade social, que pode resultar em casos extremos de expulsão da casa da família (SOUZA; MALVASI; SIGNORELLI; PEREIRA, 2015).

Pessoas trans têm maior possibilidade de não se sentirem apoiadas pela família e quanto mais essa sensação é experimentada, maior será a frequência de abuso (WALTERS; PATERSON; BROWN; MCDONNELL, 2017). As expectativas irrealistas, negação de variação de gênero, falta de intimidade e retirada de apoio emocional faz com que as pessoas trans se distanciem de sua família de origem e demonstrem

---

<sup>1</sup> Por muito tempo, a ciência e a sociedade tentaram explicar o gênero como algo biológico e inato a determinar diferenças entre homens e mulheres. Sabe-se, atualmente, que a compreensão de gênero é, na verdade, um construto social, e que o gênero pode ser diferente em cada cultura e sociedade, variando de acordo com o momento histórico (GROSSI, 1998).

<sup>2</sup> Neste artigo, adota-se a definição de que a família é composta por indivíduos que possuem uma história e um futuro compartilhados e abrange o sistema emocional de três a cinco gerações, unidas por laços de sangue e/ou legais. É relevante, portanto, o contexto histórico no qual ela se insere, pois ele influenciará os movimentos adaptativos da família aos eventos estressores do ciclo de vida familiar (WALSH, 2016).



maior ressentimento e percepção de rejeição (CATALPA; MCGUIRE, 2018).

Entretanto, o processo de aceitação e aproximação da(o) filha(o) trans parece ser um processo gradual de entendimento, inclusive com a ajuda de informações e de movimentos sociais que possam auxiliar a compreensão do que se passa com a(o) filha(o) (BRAZ; REIS; HORTA; FERNANDES, 2020). O apoio familiar traz acolhimento e segurança para a pessoa trans, podendo representar inclusive, fator de proteção para quadros de ansiedade e depressão (PUCKETT; MATSUNO; DYAR; MUSTANSKI; NEWCOMB, 2019).

Nesse contexto, este artigo busca contribuir para os estudos sobre família e identidade de gênero, visando auxiliar familiares, profissionais da área da saúde e instituições a terem uma maior compreensão do processo de afirmação de gênero na família e condutas mais apropriadas a partir das especificidades das pessoas trans e suas famílias.

## **Método**

### **Delineamento e participantes**

Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e transversal. Optou-se por trabalhar a partir da noção de uma pesquisa de aprofundamento, abrangência e diversidade na compreensão dos participantes. Dessa forma, o número de participantes está ligado à busca da qualidade e interações do determinado fenômeno (MINAYO, 2017). Participaram da pesquisa 14 sujeitos adultos e transgêneros com idades entre 20-30 anos. Os critérios de inclusão foram: sujeitos residentes no norte gaúcho que têm sua identidade de gênero diferente daquela designada no nascimento e que já tivessem tido algum tipo de intervenção nos últimos seis meses que antecedem a entrevista. Como critérios de exclusão: sujeitos que não comunicaram aos familiares sua identidade de gênero por, no mínimo, seis meses antes do momento da entrevista; sujeitos com diagnóstico psiquiátrico grave e/ou psicopatologias psicóticas; e sujeitos com situações de saúde que sejam preponderantes e impeditivas aos tratamentos.

## **Instrumentos**

### ***Questionário sociodemográfico***

Com o objetivo de caracterizar os participantes da pesquisa, foi elaborada uma ficha de dados sociodemográficos, com questões referentes às informações pessoais, profissionais e socioeconômicas dos participantes – escolaridade, estado civil, identidade de gênero e idade do começo da transição social, entre outras.

### ***Roteiro de entrevista semiestruturada***

Foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, tendo como parâmetro as diretrizes na formulação de roteiros de entrevista de Gil (2019). As perguntas foram sobre o processo de afirmação de gênero, relação familiar, amorosa, rede de amigos e trabalho. Para este artigo, foram consideradas as respostas dos participantes aos seguintes questionamentos do roteiro: “Como foi com a sua família em relação ao fato de você ser transgênero? E com o processo de afirmação de gênero?”.

### ***Procedimentos de coleta de dados***

O projeto, para realização da pesquisa, foi enviado ao Comitê de Ética, que o aceitou. Os primeiros entrevistados foram contatados a partir da rede de conhecidos do próprio pesquisador, os quais indicaram os próximos participantes (técnica snowball). A partir da indicação de possíveis participantes, o pesquisador entrou em contato telefônico e apresentou o estudo. Após o aceite ou no dia da entrevista, o pesquisador leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e fez uma explicação de maneira pormenorizada do propósito da pesquisa. Esclareceu que, a qualquer sinal de desconforto psíquico significativo (irritação, chateação, ansiedade, frustração, angústia e outros sentimentos negativos), o processo poderia ser interrompido sem nenhum prejuízo aos participantes. O TCLE foi enviado via e-mail aos participantes que aceitaram participar do estudo. Eles enviaram de volta com sua assinatura, e o pesquisador imprimiu, assinou, digitalizou e encaminhou novamente para os participantes. Alguns deles assinaram presencialmente o TCLE. Posteriormente à assinatura do termo, foram marcados dias e horários para cada entrevista. Devido à pandemia COVID-19, o pesquisador realizou apenas duas entrevistas presenciais em seu consultório particular. Todas as demais foram realizadas e gravadas de forma online em chamada de áudio.



As entrevistas foram transcritas na íntegra. Os dados coletados foram analisados a partir da proposta de Análise Temática de Souza (2019). Após a análise, foi realizado um mapa conceitual de cada entrevista, o qual foi entregue e explicado em entrevistas devolutivas individuais com os participantes, cujo propósito foi o de mostrar aos participantes como o pesquisador entendeu os dados. Desse modo, há um critério de validação dos dados e da interpretação do pesquisador pelos próprios entrevistados.

### ***Questões éticas***

Os parâmetros trazidos pela Resolução 510/2016 e pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde foram levados em consideração por este estudo. Os dados coletados nas entrevistas foram utilizados de forma que o sigilo e o anonimato dos participantes fossem preservados em todas as fases da pesquisa. Do mesmo modo, a privacidade e a confidencialidade dos dados também foram adotadas de modo que a pesquisa não promovesse nenhum tipo de prejuízo ou perda biopsicossocial. Para tal, foi adotado o uso de codinomes como modo de preservar a identidade dos participantes, os quais foram escolhidos pelos próprios participantes antes do início da entrevista. O material coletado será armazenado pelo período de cinco anos sob responsabilidade do autor do estudo.

### ***Análise dos dados***

A análise temática desenvolve-se a partir da proposta de Souza (2019), que se desenvolve em seis etapas: a) transcrição e familiarização – processo de imersão de contato com os dados a partir de leitura e após processo de transcrição do material, que é igualmente importante, por ser uma maneira de familiarização com os dados; b) codificação – produção de códigos representantes de características específicas de todas as unidades de análise, ou seja, para cada trecho do material será atribuído um código que, posteriormente, poderá ser organizado em temas; c) identificação de temas – revisão dos dados e identificação dos possíveis temas e os códigos; d) análise dos temas – leitura crítica para verificação de padrões coerentes e, se necessário, realocação ou criação de outro tema; e) definição e nomeação dos temas e subtemas tendo como parâmetro o problema da pesquisa; e f) redação do relatório.

## Resultados e Discussão

Os participantes da pesquisa foram 14 pessoas trans residentes no norte gaúcho, com faixa etária entre 20-30 anos, tendo como média 25,5 anos. Apenas um participante estava em união estável; todos os outros estavam solteiros. Oito participantes declararam-se da cor branca, quatro declararam-se pardos, e dois se declararam da cor preta. Em relação à escolaridade: um participante não tinha o ensino fundamental completo; dois tinham ensino médio incompleto; três, ensino médio completo; cinco, ensino superior incompleto; três, ensino superior completo; e um participante tinha pós-graduação lato sensu. Em relação à renda familiar, oito participantes declararam receber de 1-3 salários mínimos, quatro declararam de 3-6 salários mínimos, e dois declararam renda de 6-9 salários mínimos. Seis participantes declaram vínculo empregatício formal.

Em relação à identidade de gênero, cinco eram mulheres trans, sete homens trans e uma pessoa não binária. A média de idade do começo da transição social foi 19,2 anos. A idade média do começo da hormonização foi de 21 anos.

Os temas principais que emergiram da análise dos dados coletados são “processos iniciais de ajustamento familiar” e “ações afirmativas de gênero na família”. O primeiro tema refere-se a processos e situações que ocorrem no início da comunicação da pessoa trans sobre a sua identidade à família, os quais se caracterizam pelo incipiente processamento pelos membros familiares e que podem vir a se estabilizar positivamente ou não. Tem como subtemas a insegurança antes de contar, o luto dos pais pela(o) filha(o) imaginada(o) e a violência e exclusão da família. O segundo tema – ações afirmativas de gênero na família – caracteriza-se por processos e situações que se passam em um estágio de processamento maior dos familiares em relação ao fato de um de seus integrantes ser uma pessoa trans. Esses processos e situações, que têm como subtemas o processo gradual de aceitação e o apoio familiar, vão ao encontro de um novo rearranjo familiar.

### Tema I: Processos iniciais de ajustamento familiar

Este tema é caracterizado pelos inícios das comunicações feitas às famílias e suas primeiras reações. Os participantes demonstraram insegurança antes de contar às famílias sobre sua identidade de gênero



pelo medo de uma possível represália. A partir do conhecimento das famílias, alguns processos se desdobraram, por exemplo, o luto pela(o) filha(o) imaginada(o). Os participantes também relataram um distanciamento emocional que a família demonstrou a partir da comunicação realizada por eles sobre a identidade trans. Também relataram diferentes tipos de violência perpetrados a eles pelos familiares ou outras pessoas/contextos.

### ***Insegurança antes de contar***

Neste subtema emergiram informações acerca do medo, do receio e da insegurança antes de contar aos pais sobre a sua identidade de gênero autopercebida diferente do gênero designado ao nascimento. A insegurança e o medo de se assumir como uma pessoa trans são significativos à medida que isso rompe com expectativas existentes no sistema familiar sobre a pessoa em questão. Os sujeitos têm de performar o gênero esperado deles, acompanhado de medo e de um monitoramento intenso das respostas sociais e da ameaça da violência (BRUMBAUGH-JOHNSON; HULL, 2018).

Esse aspecto ficou evidente no relato dos participantes. A participante Aurora declara que sentiu muita insegurança antes de contar a avó: *“A minha vó era quase uma pastora e eu pensava meu Deus o que vai ser né quando ela descobrir, quando ela souber porque praticamente foi ela quem me criou [...] e eu tinha muito essa insegurança com relação a ela né.”* Aurora relata que ficou surpresa com a capacidade afetiva da avó que a acolheu e lhe surpreendeu ainda positivamente: *“até tem uma coisa marcante que ficou marcado assim na minha memória que foi um presente que ela me deu, que foi um par de brincos”*.

O participante Pedro também menciona o receio do não entendimento dos pais em relação ao assunto. Afirma estar se preparando para falar com eles, dando sinais paulatinamente sobre sua identidade e educando os pais. Ele relata: *“[...] meu único medo, não é medo, é receio da iniciação porque todo processo no início é muito difícil [...] ah, nos almoços de família, ter que estar corrigindo o pronome, de ter que explicar o que é sabe [...]”*.

### ***Luto dos pais pelo/a filho/a imaginado***

Nesta subcategoria, ficam evidentes as cinco áreas do processo de luto dos pais com filhas(os) trans (TESTONI; PINDUCCIU, 2019)

relacionadas com choque e negação, medo e impotência, raiva e desesperança, culpa e preocupações e ansiedade e culpa. No relato dos participantes, tais elementos ficam explícitos em algumas verbalizações, mas implícitos nas suas vivências diárias com familiares que estão passando pelo processo de luto do filho idealizado.

Fica evidente na entrevista de Aurora o quanto a mãe teve um impacto maior quando soube da orientação sexual do filho do que quando ela comunicaria, no futuro, que é trans. As informações que foram surgindo a partir desse momento já tiveram impacto menor, mas sabe que a mãe sofreu e se preocupou com ela. *“Mas eu digo que foi mais complicado pra ela foi a aceitação do fato de eu ser gay até então porque daí a transexualidade ela já tava mais “amaciada” digamos assim [...]”* Independente da condição de gênero verbalizada/comunicada aos pais/familiares, existe a necessidade de adaptação e aceitação da(o) filha(o) real e não idealizado: *“claro, foi estranho pra ela porque ela diz que ela vive uma espécie de um luto daí, ela perde o filho que ela tinha e passa a ter uma filha”*.

O participante Joe diz que os pais tinham uma menina idealizada como filha e com a notícia de que ele era na realidade uma pessoa trans os sonhos dos pais se desfizeram: *“Quando eu me assumi assim pro mundo – que daí eu publiquei coisa no Facebook – aí não tinha mais como esconder, né, dos outros que eu era eu, né! Que eu não era a menininha dos sonhos deles. Não tinha mais como esconder... Foi bem complicado.”*

O participante Underwood também refere a surpresa: *“Foi só tipo a uma surpresa, ‘mas espero que cê consiga fazer bem, que não te prejudique e faça do jeito que cê acha melhor’, foi assim.”*

O sofrimento e o luto pela(o) filha(o) imaginada(o) podem ser vividos em alguns casos. Quando nasce uma criança, nascem também inúmeras expectativas para a história dessa pessoa. Expectativas muitas vezes pautadas no gênero. Quando a pessoa não performa o gênero de acordo com as expectativas dos pais, costumam surgir sentimentos de perda e confusão sobre a identidade do/a filho/a, surgindo então o luto ambíguo, isto é, uma morte sem envolver morte física, processo em que precisam abandonar a imagem que conheciam, para conhecer a verdadeira identidade de seu familiar (WAHLIG, 2015).

O sofrimento e a negação dos pais estão presentes nos relatos dos participantes Beatriz e Calvin. A participante Beatriz afirma que o pai



nega seu gênero autopercebido quando escuta sua voz feminilizada a partir do tratamento hormonal e que ainda pensa que ela vai ser um menino: *“Ele ainda tem esperança de que um dia eu vou, meu Deus, vou me descobrir, que Deus vai me curar, que eu vou virar o macho alfa da casa. Tipo, eles tapavam o sol com a peneira, e depois que foi esfregado na cara deles, eles ainda continuaram tapando o sol com a peneira, o meu pai.”* Ela percebe que o pai está em um estado de negação e violência já que só a presenteia com roupas masculinas, negando sua identidade. *“Ele [pai] só me dá coisa masculina, sabe, é uma coisa que fica lá jogada, ele sabe que eu não uso, mas ainda assim ele me dá”.*

Calvin salienta a negação inicial da sua mãe sobre sua identidade: *“Eu andava que nem um guri, literalmente, mas ela tinha esperança que eu ia andar que nem uma menininha, usar batom, maquiagem, essas coisas”.* A participante Laura relata que os pais leram seu diário e viram como ela se enxerga e como simulam um estado das coisas anterior à descoberta: *“A questão é que minha mãe viu esse caderno e... mas isso é uma coisa que eu admiro bastante... eles, eles nunca foram violentos, né, eles sempre respiram e chamam, vem, conversa rapidinho alguma coisa pra depois tentar fingir que nada aconteceu e vamo tocar a vida, sabe?”*

A partir da percepção dos participantes, é notório que os familiares em algum momento tiveram dificuldade em reconhecer o gênero da(o) filha(o). Os participantes Beatriz e Joe referem como é difícil os familiares reconhecerem o nome escolhido por eles e a insistência de chamá-los pelo nome antigo ou por apelido depreciativo. *“A minha família, os que dizem aceitar, a maioria não faz questão nenhuma de tentar me chamar por Beatriz”* (Beatriz). *“Até hoje eles não me chamam pelo meu nome, eles me chamam por um apelido, por um apelido que no início meu pai criou pra ser algo pra zoar com a minha cara, pra depreciar”* (Joe). O participante Joe ainda relata que a mãe começou a tratar ele pelo nome que ele escolheu após uma tentativa de suicídio: *“Da última vez que eu tentei me matar, que até então ela não me tratava certo, não adianta, [...] aí tentei me matar, fui pro hospital, depois eu internei 3 meses no hospital psiquiátrico, aí ela começou a me tratar certo.”*

### **Violência e exclusão da família**

A família é identificada como um dos primeiros e possíveis grupos de sociabilidade que promove um afastamento no momento em que as

peças trans começam o seu processo de afirmação de gênero. A impossibilidade de aceitação do grupo familiar faz com que os sujeitos fiquem em situação de vulnerabilidade social (MAGNO et al., 2018; SOUZA et al., 2015).

A partir da análise das entrevistas, a violência emergiu como subtema. A família tem ações deliberadamente atacantes e que prejudicam as pessoas trans de maneira física e psicológica. A participante Beatriz relata a expulsão de casa quando o pai descobriu sobre o seu perfil em uma rede social como mulher: *“Eu fiz o meu facebook, né, e eu não sei quem acabou vendo e mostrando pro meu pai, deu um “bafafá” em casa, meu pai encheu minha irmã e minha mãe de coisa, eu, principalmente, eu fui expulsa de casa... fiquei uns dois dias mais ou menos fora de casa, até que minha mãe disse pro meu pai que ou eu voltava ou quem ia sair era ela.”*

A expulsão de casa é frequente na realidade de pessoas trans (SOUZA et al., 2015), entretanto, elas evitam falar sobre isso porque lhes causa grande sofrimento psíquico; assim, optam por calar para não relembrar a cena de violência.

O participante Joe revela a violência física e psicológica da família pela não aceitação da sua identidade, orientação sexual bem como da sua namorada. No momento de apresentar a namorada à família, a mãe reage com violência e o tranca, junto com a namorada, em um quarto, chama a polícia e a irmã mais velha, que é advogada, para tentar enquadrar a moça em algum tipo de contravenção: *“Minha mãe era, sempre foi uma pessoa que ela empunha medo batendo, tipo ‘ah, se você tá fazendo algo que eu não quero, você vai parar comigo te batendo!’, então ela tava me ameaçando, fazendo ameaças tipo, ‘ó, se eu descobrir que você tá com uma menina você vai apanhar muito!’ [...]E eu fui apresentar minha ex para ela como minha namorada e daí minha mãe surtou, trancou a gente dentro de casa e chamou a minha irmã mais velha, que é advogada.”*

A violência com as pessoas trans no seio familiar envolve vários aspectos, desde a violência verbal e física até a violência sexual e expulsão de casa. É evidente a dificuldade de compreensão, respeito e aceitação das pessoas trans no sistema familiar, e quase metade das agressões sofridas por elas parte de pessoas da família (SILVA et al., 2016).



A exclusão da família é marcada também pelo distanciamento emocional entre os participantes e membros da família a partir do seu gênero autopercebido ser diferente do gênero designado ao nascimento. O participante Calvin relata que houve um distanciamento com os primos: *“Chegava nas férias, eu passava um mês na casa deles, [...] de jogar videogame, de ir na piscina [...] Depois que eu me assumi, literalmente sapatão, sumiram. [...] porque foi assim ó, foi aquela, literalmente, foi aquela peneira que aconteceu pra mim, no meu caso, na minha família.”*

A participante Laura manifesta o quanto deseja estar mais próxima da família e espera em alguns anos poder contatar o entrevistador para poder contar da proximidade conquistada com a família: *“A realidade é que eu queria que fosse igual ao o que acontece com muitas que conseguem né, demora 5, 8, 10 anos, mas acaba, né [...] têm mulheres trans que falam tranquilamente, ‘ó, agora eu vou ali na casa da minha mãe’, ‘tava lá na casa da minha mãe, a gente tava fazendo almoço’.”*

As pessoas trans estão mais propensas a não receber apoio e suporte de suas famílias de origem por serem transgêneros. Essa não aceitação dos familiares mais próximos pode trazer experiências de violência, entretanto, as pessoas trans buscam ser tratadas em seus gêneros autopercebidos (WALTERS et al., 2017).

O participante Pedro falou sobre sua condição apenas para a irmã e não para os pais, embora eles tenham sido comunicados de que ele seja uma “lésbica bem masculina” nas palavras do participante. Para ele poderia haver um risco de negligência e distanciamento em relação a seus pais no momento de contar a eles: *“Eu acho que eles não estão preparados pra esse tipo de conversa, porque eu sei que eles vão se afastar até aceitar, aí vai ser aquela história, né, tipo, eu tentando me aproximar novamente e eles relutando”*. O participante Rodrigo tinha clareza, no momento da fala, de que, se não tivesse havido aceitação, haveria distanciamento e fala claramente para sua mãe: *“E eu falei para ela [mãe] ‘independente se tu quer me apoiar ou se tu não vai me apoiar quanto a isso, se tu não me apoiar infelizmente a tendência é que a gente se afaste’”*.

As famílias de origem das pessoas trans, por vezes, têm expectativas irrealistas, negação da variação de gênero, falta de intimidade e retirada de apoio emocional. Nessa medida, há um distanciamento da família de origem, ressentimento crescente dos pais e

percepção de rejeição deles (CATALPA; MCGUIRE, 2018). Isso pode ser demonstrado a partir das entrevistas de Rodrigo e Sonic, nas quais os entrevistados destacaram como a falta de apoio pode estar presente e como isso influencia o seu próprio processo de afirmação de gênero. Rodrigo declara o sentimento de pressão sem o apoio familiar: *“O meu ponto fraco sempre foi a questão de não ter o apoio da família. Antes disso parece que tu tem uma tonelada nas tuas costas se tu não tem o apoio da família ou dos amigos.”*

Sonic comenta sobre a impossibilidade da mãe vê-lo como homem e da tentativa dela de impor medo: *“Ela [mãe] falava que isso não era da natureza, ‘isso aí é contra natureza’, que Deus me fez assim, que era pra eu ser assim, que minha missão na terra era assim e era tudo isso, que não ia ter como eu ser menino, que isso era impossível [...] E foi isso, foi mais uma questão de, pra eu ficar com medo mesmo, pra eu não fazer.”* Sonic ainda declara a responsabilização que o pai atribuiu a ele pelo estado de saúde mental da mãe: *“Quando eu resolvi fazer tudo, eu liguei pra minha mãe e falei pra ela, daí expliquei tudo, né, como é que é o processo, o que iria acontecer com o meu corpo, com a minha voz, com tudo, e de início ela não aceitou, óbvio, e depois ela ficou meio que em depressão assim e meu pai meio que me culpou por isso.”*

## **Tema II: Ações afirmativas de gênero na família**

O segundo tema é caracterizado por processos e situações que se passam em um estágio de processamento maior e que necessitam de mudança na dinâmica familiar que envolva uma aceitação do gênero autopercebido dos entrevistados. Os participantes demonstraram que o processo de aceitação da sua identidade trans pelas suas famílias de origem foi realizado de maneira gradual e em etapas. Além disso, referiram ações dos integrantes da família de apoio no tocante a sua identidade e ao processo de afirmação de gênero que estavam passando.

### ***Processo gradual de aceitação***

A partir das entrevistas também emergiu a percepção dos participantes de que a comunicação e posterior aceitação da família sobre o seu gênero autopercebido é um processo gradual. Na visão do participante Calvin, é um processo lento e difícil para a família: *“Ainda é*



*um processo lento pra ela [mãe] mesmo também se adequar, porque, agora depois de 3 anos fazendo a hormonização, agora que ela me chama pelo masculino [...], eu sei quanto é complicado isso pra elas [mãe e vó], que me criaram, mas, assim... ela tá se puxando!”*

O processo de aceitação dos familiares é facilitado quando há busca por informações e ajuda para entender a situação que a(o) filha(o) está passando, bem como ser um processo gradual para a família (SILVA et al., 2018; BRAZ et al., 2020).

A transformação corporal também é um fator que ajuda os familiares a conceber a(o) filha(o) tendo um gênero diferente daquele designado ao nascimento (BRAZ et al., 2020). Para os participantes Isabele, Joe e Rodrigo, trata-se de um processo gradual tanto para a família quanto para eles. *“É, foi de pulinho em pulinho, sabe? Não foi num soco assim.”* (Isabele). *“E aí tudo foi melhorando aos poucos assim, tudo é uma questão de degraus né”* (Joe). *“Então, foi um trabalho de formiga, um pouquinho a cada dia, vai acrescentando uma mudança, uma conversa ali, outra aqui. Aí veio a questão da terapia hormonal que ajudou bastante na aceitação.... É um trabalho de longo prazo, não é do dia para a noite que eles vão me chamar pelo nome que eu me identifico”* (Rodrigo).

Pessoas trans passam por um processo de estigma: são rotuladas e estereotipadas. Esse processo se passa de maneira estrutural nas normas sociais, nas interações interpessoais no dia a dia e em nível individual nas crenças e nos comportamentos (HUGHTO et al., 2015). O participante Rodrigo declara que a família, a princípio, se mostrou aversa sobre sua identidade e algo que ajudou muito a família foi perceber que a essência era a mesma: *“A partir do momento que eu falei para eles ‘eu sou trans, me chamo Rodrigo’ e eles viram que mudei o nome, mas nunca mudei a minha essência, minha personalidade... quando eles entenderam essa questão, foi um alívio para eles, né? Porque por mais que eu mudasse fisicamente, eu não ia mudar minha personalidade, minha essência do que eu sempre fui. Isso ajuda bastante.”*

### **Apoio familiar**

As pessoas entrevistadas destacaram o apoio para o processo de afirmação de gênero e o reconhecimento de seu gênero autopercebido. O

participante Calvin declara que, apesar de nunca ter dito oficialmente para a mãe que era uma pessoa trans, ele contou que iria iniciar a hormonização, mesmo com a percepção de a mãe estar reticente em relação a isso. Em um segundo momento, a mãe se prontificou para fazer as injeções e isso o deixou feliz: *“Minha primeira aplicação foi um dia maravilhoso na minha vida, minha mãe sempre fez minhas injeções, ela marcava o dia que eu tenho que tomar e tudo pra mim, se falta, uns dias antes ela me lembra até de comprar se precisa, ela sempre é meu reloginho, não tenho nada que reclamar dela.”*

Os participantes João e Lavínia relatam o apoio familiar recebido no processo de afirmação de gênero e a relevância desse apoio para lidar com as mudanças necessárias. A importância do apoio da família de origem impulsiona o desenvolvimento de ações afirmativas do gênero autopercebido, bem como promovem o acolhimento e a segurança familiar (PUCKETT et al., 2019).

A participante Lavínia fala do suporte recebido durante o seu processo: *“Eu falo assim pelos meus pais, eles foram quem sempre me deram suporte, foram quem me deram os seios, foram quem me ajudaram a ir pra Porto Alegre. E o resto da família, não. Foi uma dificuldade enorme”*. O participante João comenta que, quanto mais se evidenciava o masculino, mais fácil era para a família sua identidade, sem deixar de lado o apoio recebido: *“No início, foi um pouco difícil para todo mundo, mas eles sempre me apoiaram muito, assim. Eu não posso me queixar em nada deles, que sempre foram muito incríveis [...] Quanto mais eu aparentava ser masculino, ficou mais fácil. E hoje em dia, então, não posso me queixar de nada mesmo, porque são incríveis, sempre me apoiaram em tudo.”*

O mesmo entrevistado ainda relata o momento da comunicação aos familiares e da compreensão e carinho recebidos, o que proporcionou a diminuição do seu sofrimento e uma sensação de ser confortado. Além disso, ele também relatou que gostaria de ser batizado com um nome escolhido pela família: *“Eu falei assim que eu não sabia quem que eu era [...] e que aquilo tava me sufocando e daí todo mundo me abraçou sabe, ficou super me apoiando assim, que iriam ta comigo independente do que acontecesse, que eu podia contar, [...] pra ver se elas podiam me ajudar e a partir dali se tornou mais fácil sabe[...] e depois de um tempo eu disse: ‘olha a gente precisa escolher um nome e eu não quero escolher sozinho, eu quero ajuda’.”*



Quanto maior o apoio familiar e a proximidade emocional com a família (FULLER; RIGGS, 2018) maior será a resiliência, menores serão os níveis de aflição, de ansiedade e depressão. Os autores ressaltam que o apoio da família é essencial para que a saúde mental e a resiliência social possam se efetuar na vida da pessoa trans. Os participantes Isabele, Bruce, Aurora e Felipe mencionam a importância da aceitação e sensibilidade no processo de afirmação de gênero.

Isabele relata que não precisou falar para a mãe que era uma pessoa trans, porque sua mãe entendeu e a apoiou: *“Quando eu comecei realmente a transição de menino pra menina, eu não precisei falar pra ninguém que eu queria ser uma menina. Eu fui aos pouquinhos, sabe, fui botando uma roupa diferente, botava uma calça jeans de menino e uma blusinha de menina, sabe, aí as calcinhas... Aí a minha mãe já deixou de comprar roupas masculinas pra comprar roupas femininas, ela já foi entendendo que eu não queria ser um menino gay, eu queria ser uma transexual.”*

Aurora comenta que a relação com a mãe é marcada por apoio e por uma relação mãe-filha: *“Hoje em dia ela super apoia qualquer coisa que eu queira fazer, hoje em dia a nossa relação é de mãe e filha mesmo. Ela me olha e diz: ‘ai eu nem lembro que tu é uma pessoa trans, pra mim é minha filha e pronto, sempre tive uma filha’.”*

No caso do participante Bruce, a mãe e a irmã são apoiadoras incondicionais de sua identidade: *“Minha mãe e minha irmãzinha que são coisas incríveis assim, nossa se eu chegasse e falasse que eu era um alienígena e que eu queria que elas respeitassem, eu acho que elas respeitavam assim é elas são, bem amor de família mesmo né.”* Felipe refere que a mãe o incentivou tanto que isso foi o propulsor para iniciar sua hormonioterapia: *“[...] ela me incentivou tanto que, com 20 anos, eu decidi que eu ia buscar ajuda”.*

### **Considerações finais**

O processo de afirmação de gênero é complexo, multifacetado e envolve diferentes âmbitos para a pessoa transgênero (TURBAN; KEROUGHLIAN, 2018). Durante este processo e até mesmo antes, muitos sujeitos trans o comunicam (in)diretamente à família. Trata-se de um fenômeno ainda pouco estudado e de importância ressaltada por este estudo. Isso se dá principalmente pelo início recente da temática

transgênero ter espaço expressivo na mídia, no meio jurídico e em espaços que não sejam estigmatizados ou ainda com transfobia.

Este estudo demonstrou a complexidade da relação da pessoa trans e da sua família de origem. Essa relação pode ser marcada a partir da instabilidade inicial com o receio e o medo das pessoas trans contarem aos seus familiares, bem como o luto, as práticas de violência e o distanciamento afetivo dos pais com relação aos filhos. Entretanto, as relações com a família também são caracterizadas por novos arranjos familiares marcados pelo processo gradual de aceitação e o apoio dos membros familiares para identidade da pessoa trans bem como do seu processo de afirmação de gênero. No relato dos participantes do estudo, fica evidente a relevância da aceitação dos pais para uma melhor qualidade de vida das pessoas trans.

Acredita-se que nossa contribuição com esta produção possa desenvolver conhecimento científico para auxiliar famílias, profissionais da saúde e instituições a apreenderem uma realidade que, por muito tempo, ficou à margem da visibilidade e representatividade, além da marca da vulnerabilidade biopsicossocial. Este artigo teve como propósito um foco exploratório e tem ciência da sua limitação, uma vez que seus participantes caracterizam apenas o norte gaúcho. Espera-se que esta publicação possa inspirar mais estudos sobre as repercussões na família sobre pessoas trans, em especial, aos pais e suas percepções sobre o processo.



## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre, Rs: Artmed, 2014.

BRAZ, Denise Garrido de Carvalho; REIS, Maycon Barros; HORTA, Ana Lúcia de Moraes; FERNANDES, Hugo. Vivências familiares no processo de transição de gênero. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S.L.], v. 33, n. 20190251, p. 1-8, 2020. *Acta Paulista de Enfermagem*. <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2020a00251>.

BRUMBAUGH-JOHNSON, Stacey M.; HULL, Kathleen E.. Coming Out as Transgender: navigating the social implications of a transgender identity. **Journal Of Homosexuality**, [S.L.], v. 66, n. 8, p. 1148-1177, 27 jul. 2018. <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2018.1493253>

CATALPA, Jory M.; MCGUIRE, Jenifer K.. Family Boundary Ambiguity Among Transgender Youth. **Family Relations**, [S.L.], v. 67, n. 1, p. 88-103, 16 jan. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/fare.12304>

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **RESOLUÇÃO N° 466**: Resolução contendo diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. 2012. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 05 mar. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **RESOLUÇÃO N° 510**: Resolução sobre as normas envolvendo seres humanos no contexto de pesquisa científica. 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em: 05 mar. 2023.

FULLER, Kimberly A.; RIGGS, Damien W.. Family support and discrimination and their relationship to psychological distress and resilience amongst transgender people. **International Journal Of Transgenderism**, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 379-388, 2 out. 2018. <http://dx.doi.org/10.1080/15532739.2018.1500966>

GIL, Antonio Carlos. Entrevista. In: GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. Cap. 12.

GROSSI, M. P. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, p.1-18, 1998.

HUGHTO, Jaclyn M. White; REISNER, Sari L.; PACHANKIS, John E.. Transgender stigma and health: a critical review of stigma determinants, mechanisms, and interventions. **Social Science & Medicine**, v. 147, p. 222-231, dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.11.010>

MAGNO, Laio; DOURADO, Inês; SILVA, Luis Augusto Vasconcelos da. Estigma e resistência entre travestis e mulheres transexuais em Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 34, n. 5, p. 1-12, 28 maio 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00135917>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, abr. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59> Acesso em: 05 mar. 2023.

PUCKETT, Jae A.; MATSUNO, Emmie; DYAR, Christina; MUSTANSKI, Brian; NEWCOMB, Michael E.. Mental health and resilience in transgender individuals: what type of support makes a difference?. **Journal Of Family Psychology**, [S.L.], v. 33, n. 8, p. 954-964, dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000561>

SILVA, Glauber Weder dos Santos; SOUZA, Emanuel Filipe Leite; SENA, Romeika Carla Ferreira de; MOURA, Izabella Bezerra de Lima; SOBREIRA, Maura Vanessa Silva; MIRANDA, Francisco Arnaldo Nunes de. Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [S.L.], v. 37, n. 2, p. 1-7, jun. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.02.56407>

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>



SOUZA, Martha Helena Teixeira de; MALVASI, Paulo; SIGNORELLI, Marcos Claudio; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 31, n. 4, p. 767-776, abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00077514>

TESTONI, Ines; PINDUCCIU, Manuela Anna. Grieving those Who Still Live: loss experienced by parents of transgender children. **Gender Studies**, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 142-162, 1 dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.2478/genst-2020-0011>

TURBAN, Jack L.; KEUROGHLIAN, Alex S.. Dynamic Gender Presentations: understanding transition and “de-transition” among transgender youth. **Journal Of The American Academy Of Child & Adolescent Psychiatry**, [S.L.], v. 57, n. 7, p. 451-453, jul. 2018. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jaac.2018.03.016>

WAHLIG, Jeni L. Losing the child they thought they had: therapeutic suggestions for an ambiguous loss perspective with parents of a transgender child. **Journal Of Gltb Family Studies**, v. 11, n. 4, p. 305-326, 6 nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.1080/1550428x.2014.945676>

WALSH, Froma. **Processos normativos da família: Diversidade e complexidade**. 4. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2016.

WALTERS, Mark A.; PATERSON, Jennifer; BROWN, Rupert; MCDONNELL, Liz. Hate crimes against trans people: assessing emotions, behaviors, and attitudes toward criminal justice agencies. **Journal Of Interpersonal Violence**, [S.L.], v. 35, n. 21-22, p. 4583-4613, 27 jun. 2017. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260517715026>

## Transgender people experiences with their families of origin

**ABSTRACT:** Transgender perception about the experiences of their families of origin is a wispy studied object of study. This paper aims to investigate the perceptions of transgender people and their process of gender affirmation in the family context. It is a qualitative, exploratory and transversal study. Interviews were held with 14 participants between 20-30 years old in the Northern state of Rio Grande do Sul. A semi-structured interview script and a sociodemographic data format were used. Data analysis was executed with a thematic analysis proposal. Two themes emerged: initial processes of family adjustment and gender affirmation process actions inside the family group. These processes and these situations lead to a new family rearrangement. It is concluded that the perceptions of the experiences of transgender people with their families are complex and multifaceted, involving different processes, both positive and negative to the transgender person. It is expected that, with this study, families, institutions and health professionals can benefit to carry out affirmative care and support actions with this population.

**KEYWORDS:** Family. Family relations. Transgender people.

**Élvis HERRMANN BONINI**, *Atitus Educação*

Psicólogo, psicanalista (Constructo Instituição Psicanalítica), mestre em Psicologia (Atitus Educação), especialista em Ciências Sociais (UPF – Universidade de Passo Fundo). Porto Alegre/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-4514-9477>

**Isadora CECHIN FILIPIACK**, *Atitus Educação*

Psicóloga pela Atitus Educação (Passo Fundo/RS). Especialista em Terapia Sistêmica Individual, Conjugal e Familiar e Especialista em Sexologia Clínica pelo Centro de Estudos do Indivíduo e da Família

*(CEFI). Seu foco de pesquisa são as temáticas de diversidade sexual e de gênero, sexualidade, relações familiares e conjugais.*

*<https://lattes.cnpq.br/2236152016961817>*

***Cláudia Mara BOSETTO CENCI***, *Atitus Educação*

*Doutora em Psicologia Clínica (PUC-RS), mestre em Psicologia Social (PUC-RS). Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia e da graduação em Psicologia da Atitus Educação (Passo Fundo/RS, Brasil).*

*<https://orcid.org/0000-0001-9998-2339>*

*Recebido em: 15/01/2025*

*Aprovado em: 03/09/2025*